

Diálogos Poéticos entre Portugal e Itália reflexões no limiar

Serena Cacchioli (org.)

Fonógrafo

Vai declamando um cómico defunto.
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ar
A cripta e a pó, — do anacrónico a

Muda o registo, eis uma barcarola:
Laios, lírios, águas do rio, a lua.
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paúl, — extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilos
Dum clarín de ouro — o cheiro de junquillos,
Vívido e agrio! — tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebra-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

118

Fonógrafo

Va declamando un cómico difunto.
El público ríe perdidamente
De ese viejito... Y huele en el ambiente
A cripta — anacrónico asunto...
Laios, lírios, aguas del río,
Ante Su cuerpo flota el sueño mío
Sobre un pantano, — extática corola—.

Cambia otra vez: gorjeos, estribilos
De un clarín de oro — ¡el olor a junquillos,
Vívido y agrio! — tocando la aurora...

Cesó. Tierna, el alma de las cornetas,
Rociada y velada, se rompe ahora.
Primavera. Alba. ¡Qué aroma a violetas!

119

e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução

ISBN 978-989-96677-9-2

Título: Diálogos Poéticos entre Portugal e Itália. Reflexões no limiar

Organização e prefácio: Serena Cacchioli

Nesta edição, respeita-se a opção ortográfica de cada autor.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

1.ª edição: fevereiro 2021

© MOV. *Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mov.translation@gmail.com

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Centro de Estudos
Comparatistas

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

A coleção *e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução* visa divulgar, através de pequenos *e-books*, o resultado de uma série de encontros, em formato de mesa-redonda, que desde 2014 têm vindo a ser organizados pelos investigadores do projeto *MOV. Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Um dos objetivos deste projeto, em curso no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem sido o de dar voz e visibilidade aos diversos agentes envolvidos no processo de criação de um texto traduzido (desde tradutores a editores ou revisores). As mesas-redondas *TRT* constituem-se como espaços privilegiados de encontro e diálogo polifónicos para cumprir este objetivo. Através da coleção *e-TRT*, dá-se continuidade e expressão escrita às ideias então discutidas e proporciona-se aos interessados o mesmo prazer que tivemos a ouvi-las e debatê-las. Contraria-se, assim, a suposta invisibilidade dos tradutores e colmata-se a lacuna de testemunhos de tradutores na primeira pessoa.

Marta Pacheco Pinto

In memoriam
António Fournier (1966-2019)

ÍNDICE

Serena Cacchioli

Diálogos poéticos entre Portugal e Itália.

Reflexões no limiar. Introdução 3

As tradutoras e o tradutor 11

Os testemunhos 19

Paola D'Agostino

A tradução e o encontro. Carta a António Fournier 21

José Manuel de Vasconcelos

Breve depoimento sobre alguns problemas

da tradução de poesia 25

Vanessa Castagna

Algumas reflexões sobre traduzir poesia no feminino 37

Diálogos poéticos entre Portugal e Itália. Reflexões no limiar

Introdução

Serena Cacchioli

No dia 17 de Dezembro de 2015, organizei, com o apoio do grupo de pesquisa MOV, uma pequena mesa-redonda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a intenção de juntar tradutores e estudiosos que partilhassem reflexões sobre a tradução de poesia entre duas línguas próximas e distantes ao mesmo tempo: italiano e português. Para esta ocasião, convidei três pessoas envolvidas, há muitos anos, na prática da tradução, nomeadamente de textos de poesia, e algumas delas também na investigação académica de temas relacionados com as literaturas dos dois países. Criou-se um pequeno grupo de tradutores que, com experiências diferentes, partilharam a forma como chegaram à tradução de poesia e descreveram as suas peripécias editoriais e tradutórias, assim como os seus “corpo a corpo” com os textos.

Este pequeno livro pretende ser uma recolha desses testemunhos de modo a registar o que foi dito naquela altura e servir de base para o que ainda se poderá dizer e pesquisar sobre o tema. As intervenções desse dia não foram gravadas

e, por essa razão, pedi, cinco anos depois, aos intervenientes para reconstituírem - na medida do possível - o que foi dito durante a mesa-redonda, acrescentando eventuais novos dados ou descobertas realizadas mais recentemente. Os intervenientes convidados eram: José Manuel de Vasconcelos, Vanessa Castagna e António Fournier.

No dia 25 de Dezembro de 2019, quatro anos depois, recebemos com espanto a notícia, inesperada e trágica, da morte de António Fournier, que nos deixou profundamente chocados. Conheci António Fournier por *email* precisamente para o convidar para a nossa mesa-redonda; embora já tivesse ouvido muito falar dele - como professor, como amigo, como crítico literário e tradutor -, os nossos caminhos ainda não se tinham cruzado. Ele aceitou prontamente o meu convite, escreveu-me que iria falar da "língua anfíbia do tradutor" e aproveitou a ocasião para me perguntar se eu não queria, por acaso, traduzir um poema de Carlos de Oliveira para a revista *Submarino* - que ele estava a organizar nesse momento. Aceitei com prazer. O poema, ou melhor, a prosa poética que me calhou, chamava-se "O fundo das águas" e acabava assim:

[...] Estou a sentir na sombra: um rumor de larvas e sementes, o amor de que sou capaz pela vida e pelos outros; o esboçar dalguma flor negra acordando, um ritmo de versos; caprichos da botânica ou desvios da alma; o vento da harmonia submerso entre caules sanguíneos e

rugosos; a breve tempestade das conchas e dos peixes, a grande solidariedade que vos devo.

Não sei porque ele terá atribuído especificamente a mim - sem me conhecer - este texto, mas hoje a poesia fala por si e faz-me pensar que essas palavras também se poderiam aplicar ao acto de traduzir. Vejo o tradutor, tal como a voz deste poema, a sentir na sombra "um ritmo de versos, os desvios da alma". O tradutor como um ser à escuta com um ouvido pousado no ventre da terra. Um ser que deve uma grande solidariedade a todos os elementos, a todas as línguas, a toda a comunidade que escreve, estuda e traduz.

Na impossibilidade de reconstituir integralmente a intervenção de António Fournier, lembramos apenas que a comunicação dele se inspirava na ideia de *língua anfíbia* de Vittorio Alfieri, uma língua que se situa no limiar entre vários dialectos e o francês, no caso de Alfieri, e uma língua situada entre o português e o italiano, no caso de António. O tradutor seria, então, o habitante do espaço intermédio, um ser camaleónico capaz de viver em dois ambientes diferentes: a água e a terra, uma língua e outra, uma cultura e outra. António Fournier era crítico literário, tradutor, escritor e vivia há muitos anos em Itália, onde era professor de Língua Portuguesa e Tradução na Universidade de Turim. Organizou várias antologias de narrativa e poesia portuguesa em Itália, como *Nostalgia dei giorni atlantici* (2005), *Lusitania Express* (2006), *12 mesi a Funchal* (2008), *Scritto in rosso* (2010), *L'angelo muto* (2011), *Cinque sensi e altri racconti* (2012),

Respirare attraverso l'acqua (2014) e *Bestiario lusitano* (2014). Traduziu para português vários poetas italianos como Valerio Magrelli, Franco Fortini e Guido Gozzano. Era co-director da revista luso-italiana de estudos comparados *Submarino*. Além disso, foi autor de um livro de contos, *Ilha Portátil* (2010), e co-autor de um livro de banda desenhada, *No Funchal, o Maquinista* (2009).

Quem me tinha sugerido dirigir-me a António Fournier foi Paola D'Agostino: poeta, professora e tradutora italiana que vive e trabalha em Portugal há muito tempo. Paola D'Agostino não pôde, em 2015, participar pessoalmente na mesa-redonda, mas hoje aceitou, com alegria, vir integrar este pequeno livro de reflexões, escrevendo um texto nos moldes de uma comovente carta dirigida a António Fournier; uma carta que fala de tradução, de poesia, de vida e das conclusões de quem se encontra "a meio do percurso". É sobretudo uma pequena homenagem ao amigo tradutor.

José Manuel de Vasconcelos, que não se define como um tradutor profissional, escreve um texto que explica as suas modalidades de tradução, os seus encontros pessoais com as palavras. Explica-nos que as suas traduções quase sempre têm origem em escolhas pessoais. Conta-nos qual é o elemento que privilegia em cada tradução e quais são os motivos que o levam à escolha. Um destes elementos é, muitas vezes, o elemento sonoro na poesia, mas sobretudo a importância da escuta da voz do autor e das suas peculiaridades. Cada tradução implica um enorme trabalho

prévio de estudo, de pesquisa, de imersão numa língua e num contexto, e a tradução é vista como um ofício maravilhoso ao qual nem sempre se dá o devido reconhecimento.

O texto de Vanessa Castagna conclui o livro com algumas reflexões sobre “traduzir poesia no feminino”. Afastando-se um pouco das questões de tradução estreitamente ligadas à língua e à proximidade entre texto e tradutor, proporciona-nos uma visão da macro-estrutura que caracteriza este tipo de tradução. Dentro do panorama editorial da tradução de poesia, faz a análise de um sector ainda mais específico, que é a poesia escrita por mulheres. Os dados apresentados não são reconfortantes, mas também não são catastróficos, e fornecem-nos uma clara ideia de que traduzir é também escolher, dar voz, intervir. Não nos podemos esquecer de que, do conjunto de todos os agentes que concorrem para a criação e a divulgação de uma tradução, a iniciativa do tradutor ou da tradutora tem sempre um papel importante e decisivo.

A tradução de poesia, tal como a publicação de poesia em língua original, é um nicho que se subtrai um pouco às leis selvagens do mercado do livro. É comum as edições de poesia terem uma tiragem mais limitada; e assumir menos riscos económicos para uma editora corresponde, às vezes, a ter uma maior liberdade no que diz respeito ao que se publica. Podem assumir-se mais riscos na experimentação. Não obstante, é comum que poetas já bastante lidos continuem a publicar em pequenas editoras independentes e

os circuitos de leitura da poesia, na maior parte dos casos, não seguem leis de ordem económica. Um último exemplo disso foi a poeta que ganhou o Prémio Nobel em 2020, Louise Glück, que já tinha sido publicada tanto em Itália como em Portugal, apenas por pequenas editoras independentes, em revistas ou em pequenos volumes. Analisar este campo equivale a analisar uma porção reduzida do panorama literário, mas, ainda assim, uma porção especialmente significativa. O estado em que se encontra a poesia num país é um importante indicador do seu grau de saúde, não apenas do ponto de vista literário, mas também humano, social. A poesia, com os seus leitores escolhidos, faz emergir as vozes dissidentes, os problemas da contemporaneidade, faz emergir temas que às vezes não podem ser falados de outras formas, a não ser em versos. Tenho a impressão de que Portugal, nos dias de hoje, tem uma boa quantidade de pequenas editoras independentes que publicam poesia com um cuidado extremo, tanto na escolha gráfica e no *design* da edição, como na qualidade dos textos propostos. Tem-se a sensação de que o tecido subterrâneo da poesia portuguesa está vivo, há um “rumor de larvas e sementes”, há alguma coisa que está a acordar. Trata-se, todavia, de uma atenção dada sobretudo à poesia de língua portuguesa (sobretudo vinda de Portugal e Brasil) e poucas traduções de poetas contemporâneos vivos.

Mais difícil, para mim, é falar da situação italiana, que não frequento directamente há bastante tempo e que neste

momento não posso tocar com a mão. Parece-me, contudo, mais lenta, ainda apenas a sair de uma longa hibernação, mais dispersa pelo país e menos visível. Acontece, às vezes, encontrar vozes novas e diferentes, mas é mais raro, e a surpresa quase sempre mais ténue. No que diz respeito à tradução de autores estrangeiros em poesia, acontece a mesma coisa que em Portugal. A poesia portuguesa raramente sai em volume – embora felizmente haja algumas recentes exceções – mas espalha-se, pelo contrário, rapidamente por vias telemáticas, é traduzida e comentada em revistas literárias *online*, blogues, *sites* de autor. Todavia, em Itália e em Portugal, a poesia contemporânea dos respectivos países é quase inteiramente invisível. Alguma atenção é dada a vozes já consagradas, mas há pouco espaço para as novidades.

O binómio Itália-Portugal é uma combinação que também tem as suas características próprias e modos de funcionamento bastante definidos. Existem editoras, em Itália, que são especializadas em literatura lusófona e, infelizmente, é raro ver autorias de língua portuguesa – sem falar, claramente, dos grandes nomes consagrados como Pessoa, Saramago, Lobo Antunes, cuja leitura segue outra lógica – publicadas por uma editora que não seja uma daquelas “especializadas”.

Este pequeno livro pode servir como base para lançar mais conexões entre os dois países no que diz respeito à poesia e à tradução. É preciso traduzir mais, emaranhar mais as nossas paisagens, transportar mais palavras de um lado para outro, abrir brechas, dar a conhecer novos mundos. ■

As tradutoras e o tradutor



Paola D'Agostino

Tradutora e escritora italiana, residente em Lisboa

Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...

Quando traduzo, nunca dispenso na minha secretária o caderno onde vou tomando apontamentos ao longo do processo.

Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?

A minha metáfora preferida para falar sobre tradução neste momento é a dança.

Que palavra melhor a descreve como leitora?

A palavra que melhor me descreve como leitora é o adjetivo inquieto.

Que palavra melhor a descreve como tradutora?

A palavra que melhor me descreve como tradutora é o substantivo inquieto.



José Manuel de Vasconcelos

Poeta, ensaísta e tradutor

Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...

Quando trabalho numa tradução nunca dispenso ter um conjunto de bons dicionários junto de mim, particularmente dicionários da língua da qual estou a traduzir. Para além disso, é importante ter a minha biblioteca por perto, pois frequentemente utilizo vários livros para esclarecer dúvidas.

Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?

A tradução, para mim, é uma espécie de escalada de uma montanha. A pouco e pouco vamos subindo, por vezes com maior dificuldade, fazendo algumas paragens, até chegarmos ao cume, cansados mas felizes, podendo então desfrutar de uma visão de conjunto e reparando, ao descer, que talvez pudéssemos ter feito na subida opções mais adequadas.

Que palavra melhor o descreve como leitor?

A palavra que melhor caracteriza a minha atitude na leitura é atenção. Detesto leituras apressadas (embora por vezes tenha de as fazer) que deixam escapar pormenores que são muitas vezes decisivos para a compreensão do que estamos a ler.

Que palavra melhor o descreve como tradutor?

Sem esquecer também aqui a atenção, julgo que a palavra que melhor define a minha atitude como tradutor é entusiasmo, e mesmo paixão. Falo evidentemente de obras que a suscitem. Sem isso, o tradutor, mesmo que faça o seu trabalho tecnicamente bem, corre o risco de nos apresentar algo sem chama. Mas a verdade é que tudo isso depende muito do que se está a traduzir, sendo aqui fundamental distinguir entre o tradutor que escolhe o que vai traduzir e o tradutor que trabalha para ganhar a vida, sujeitando-se ao que lhe propõem.



Vanessa Castagna

Tradutora e investigadora da Università Ca' Foscari, Veneza

Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...

Não há nada de imprescindível que me acompanhe na tradução. Em certas fases do trabalho são necessários dicionários e outras ferramentas de tipo linguístico (o meu preferido é o *Dicionário Gramatical de Verbos Portugueses*), mas não tenho um objeto absolutamente indispensável. Na verdade, muitas vezes nem traduzo sentada à secretária, porque não gosto de ficar sempre no mesmo lugar enquanto estou a traduzir e vou passando de uma divisão a outra da casa, ou traduzo enquanto estou a deslocar-me de comboio. O movimento, de certa forma, contrasta o pendor obsessivo que o ato concentrado de traduzir pode estimular.

Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?

A metáfora clássica da ponte, que aproxima, cria uma ligação, permite o contacto, torna possível uma viagem.

Que palavra melhor a descreve como leitora?

Hoje em dia sou uma leitora apaixonada e, em virtude disso, também inconstante. Concedo-me o direito de ler literatura com sofreguidão, por curiosidade autêntica, e quando tenho um encontro epifânico com a obra de um(a) escritor(a) novo/a para mim, mergulho completamente nessa revelação; ao mesmo tempo, se essa curiosidade é frustrada pela decepção na leitura, não me imponho necessariamente continuar até ao fim e arrogo-me a faculdade de desistir do livro. Não há tempo para ler tudo, prefiro deixar-me levar pelo princípio do prazer estético do que pela lealdade, pelo menos nas leituras.

Que palavra melhor a descreve como tradutora?

Diria funambulismo, uma vez que no meu diálogo com cada texto que traduzo norteio-me pela procura de um equilíbrio que é sempre muito específico, único, em função da obra, do autor, da sua época e de todos os demais fatores envolvidos na tradução, edição e receção de uma obra literária. Além disso, a prática do equilibrismo exige um desempenho com ares de naturalidade, mas tem por trás um esforço enorme, com direito a tonturas e vertigens, e no meu caso associa-se sempre a uma grande insegurança, uma espécie de instabilidade permanente dada pelo medo de pôr um pé em falso, de tropeçar algures, de falhar de forma mais ou menos evidente.

Os testemunhos

Paola D'Agostino

A tradução e o encontro. Carta a António Fournier

Lisboa, 30.11.2020

Querido António,
está a acabar este asséptico Novembro, cheio de dúvidas mas com uma certeza que diria metodológica: dentro de duas semanas passarias por Lisboa de regresso à tua ilha, vindo de Turim. Trarias livros publicados de fresco e uma câmara, certamente, para fotografar fora das páginas o encontro com os teus autores e tradutores, para os sentires mais reais, em carne e osso, os autores e os encontros e, em última instância, os textos - que traduziste, ou publicaste, ou fizeste nascer. Para ofereceres, mais tarde, aos teus autores outra tradução, em imagens, da tradução que lhes proporcionaste. Eras assim, generoso. Daqui a duas semanas passarias como a chuva, que nos torna mais férteis e depois se retira, durante um tempo. Passarás, com certeza, aliás, e já cá estão os teus amigos todos, as traduções, os encontros, aninhados num Submarino de papel, ansiosos para te receberem. E mesmo que não passes em carne e osso, este ano hás-de passar em forma de livro, um livro qualquer, por exemplo este. Onde me pediram um texto sobre Tradução da Poesia entre Portugal e Itália, e o meu texto quis ser uma carta

para ti. Tinha infinitas coisas para te dizer sobre tradução: ciência, metáfora, contágio, o labor da partilha, a tona da água e ainda o albergue do longínquo, a letra o rigor o exílio. Tinha excelentes linhas de teoria sublinhadas em manuais imprescindíveis, para este livro. E reflexões acerca

“... vamos metendo naquele grande armazém de possibilidades felizes que se chama futuro.”

de traduções já entregues, que te queria contar. Mas antes de me pôr a escrever fui visitar a tua prima Cordélia, que nos apresentou. E a Cordélia pediu-me o favor de a ajudar a reler uma carta tua, que lhe tinhas escrito de Pisa, há muitos anos. Que ela se lembrava dessa carta por ser especialmente bela, mas já não te conseguia decifrar a letra. E tentámos juntas. A carta era belíssima, de facto. E acabava assim:

Temos um desejo terrível e uma ternura imensa em nos mantermos vivos que fazemos tantos planos que vamos metendo naquele grande armazém de possibilidades felizes que se chama futuro. E depois já é tarde. Cansamo-nos com o vazio e com o resolver simultaneamente as coisas inadiáveis. Nunca temos tempo. É a conclusão provisória de quem está a meio do percurso...
Pisa, 05.05.1999.

“A tradução, também, é a conclusão provisória de quem está a meio do percurso.”

E de repente, António, nessa tua passagem estava escondido o sentido inteiro da tradução, da poesia, entre Portugal e Itália, e vice-versa – entre a vida inadiável e o armazém de possibilidades estava a carta toda que te queria escrever neste livro, hoje. A tradução, também, é a conclusão provisória de quem está a meio do percurso. A vista panorâmica do aqui e agora durante a viagem pela língua vasta, registo fotográfico desse panorama, que numa segunda edição bem poderia ser transmutado numa combinação diferente, noutra selecção. Senti isto, sobretudo, quando traduzi os poemas de Cesário. A possibilidade infinita. Nunca cheguei a falar-te desse trabalho, não tivemos tempo. Das rimas, que se impõem na ironia do *Impossível* como um instinto natural, e que procurei na insónia da tradução e no vaivém dos dias em toda a parte, buscando dar à música do verso uma saída que soasse igualmente natural, que irrompesse do tecido pulsante da língua e se coagulasse em rima, como moldar som plástico e descoberta. Tive um verso de Cesário a perseguir-me nas pedras da calçada, sempre, o *Sentimento dum Ocidental* a pedir-me rimas seguras e ágeis ao mesmo tempo, e eu a *cismar, por boqueirões, por becos*, procurando a ironia da partida no cais do desembarque, sem abordagens fáceis, sem fugir ao original, tacteando as margens da reinvenção poética num

equilíbrio precário, agarrada à escada de portaló da letra. Há uma parte do corpo-a-corpo com a rima que produz dança individualíssima - ou melhor, o corpo-a-corpo entre as duas línguas produz um terceiro corpo que é essa dança, subjectiva, da nova rima chamada tradução, e tem a ver com o ritmo de cada um, com o peso específico de cada memória física e linguística. O movimento que esse peso produz aliado ao som que o sustenta é a poesia que cada pele esconde sob a carne. A tradução da poesia entre um País e Outro penso que é isto, é carne e ritmo que se encontram com a tradição da língua, num armazém iluminado por relâmpagos, intermitências. "A escrita é um armazém de sinais", escreveu Llansol no prefácio à sua tradução dos *Últimos Poemas de Amor* de Paul Éluard. Ou, como tu dizes nessa carta, "[a]quele grande armazém de possibilidades felizes que se chama futuro". Porque a tradução é sempre o futuro de um original, que se alimenta de "um desejo terrível e uma ternura imensa em nos mantermos vivos", vivos na língua, vivos pela língua. Agora mesmo, António, tenho a certeza, pela língua, de que estás vivo.

Até sempre,

Paola D'Agostino

José Manuel de Vasconcelos

Breve depoimento sobre alguns problemas da tradução de poesia

Não sendo um tradutor profissional, as traduções que fiz até agora, à parte alguns trabalhos de circunstância, foram o resultado de escolhas pessoais. Isso aconteceu com Federico García Lorca, de quem traduzi há muitos anos *Diván del Tamarit*, o último livro do poeta granadino, publicado postumamente, e acaba de acontecer de novo, pois concluí há dias a tradução do poema de Paul Valéry, *Le Cimetière marin*, que será publicada em breve, e que é um dos meus poemas que mais admiro, lido e relido vezes sem conta, tendo dedicado à obra do seu autor muita investigação e reflexão.

No que respeita à poesia italiana, traduzi, para publicação em revistas, alguns poemas de Cristina Babino e de Eugenio De Signoribus, que, além de ser um poeta extremamente inovador, com reconhecimento internacional, é também um amigo. Os dois trabalhos de tradução que exigiram de mim, como tradutor, um maior envolvimento e uma enorme disponibilidade foram as duas volumosas antologias bilingues, de Eugenio Montale e Umberto Saba, que organizei, que foram publicadas pela editora Assírio e Alvim, e que, para além de uma extensa e representativa selecção de poemas, têm anotações e são precedidas de estudos

introdutórios sobre as obras dos dois poetas. Tanto no caso de Montale, como no do poeta de Trieste, selecionei os poemas a partir de releituras atentíssimas das respectivas obras poéticas e adquiri e li grande quantidade de livros sobre as suas vidas e obras, bem como sobre assuntos que com elas se relacionavam. E este é para mim um trabalho fundamental de apoio à tradução. Para se conseguir um

“... a necessidade de o tradutor dispor de uma ampla informação e de uma cultura geral sólida, que lhe permita enquadrar o que vai traduzir, desvelando assim aspectos que, de outra forma, permaneceriam despercebidos.”

bom resultado, é necessária uma enorme atenção a assuntos que podem parecer alheios aos textos que se traduzem, mas que não o são. No caso de Saba, por exemplo, os conhecimentos acerca de Trieste, da sua história, das suas gentes, das personalidades com as quais o escritor conviveu, as suas relações familiares, a sua vida pessoal, as questões relativas à emigração, ao judaísmo são essenciais, entre várias outras, para uma profunda compreensão e para sua tradução. Quero com isto acentuar a necessidade de o tradutor dispor de uma ampla informação e de uma cultura geral sólida, que lhe permita enquadrar o que vai traduzir, desvelando assim aspectos que, de outra forma, permaneceriam despercebidos.

Mas, para além dessa cultura geral, há que investigar caso a caso, aspectos determinados que não se devem escamotear, de maneira a lançar maior luz sobre as sombras do texto e dar-lhe o brilho e a pregnância necessários. Nessa perspectiva, o tradutor é também um investigador.

Desenganem-se, pois, aqueles que pensam que para traduzir um texto literário de qualidade e densidade basta conhecer as línguas de partida e de chegada. A um tradutor exige-se muito mais do que isso, sob pena de não se dar conta de aspectos que são essenciais e que podem comprometer a qualidade e fiabilidade da tradução.

No caso da poesia, o ouvido tem um papel decisivo. Pensemos em *Le Cimetière marin*, que referi. Trata-se de um longo poema constituído por vinte e quatro sextilhas em decassílabos rimados. A musicalidade é aqui essencial. Não se poderá dá-la ao leitor, na tradução, se não se procurarem equivalentes adequados, particularmente se não se conseguirem manter, tanto quanto possível, o efeito das rimas. Ora, isso dá imenso trabalho, pois estamos perante uma equação a duas variáveis, dando lugar àquela hesitação entre som e sentido de que falava o próprio Valéry, como sendo o traço mais específico da criação poética, que a tradução de poesia também é, e com a dificuldade acrescida de ser uma criação poética *obligata*. Quando traduzi o longo poema de Paul Valéry (e o mesmo aconteceu com Montale e Saba), li como sempre faço, traduções em outras línguas, quando existem e estão disponíveis. daquelas a que tive acesso (em castelhano,

inglês e italiano), a rima estava praticamente ausente, excepto em um ou outro verso e o poema que durante meses me obsidiou, a ponto de praticamente o saber de cor, afigurava-se-me, por isso, irreconhecível. Onde estava aquela música presente do primeiro ao último verso, a cadência que, juntamente com o sentido, constituem a alma e o corpo do poema? O verso escolhido, o decassílabo, exige uma enorme concisão, uma precisão quase matemática, não se pode desperdiçar nada. Cada palavra está de tal modo ligada ao todo que toda a alteração parece abanar a estrutura do poema. Ora, isto gera a maior tensão, é como dirigir uma orquestra: nada pode destoar do conjunto.

Nos casos de Montale e de Saba, o problema não se coloca da mesma maneira, apesar do papel importante da sonoridade na poesia de ambos os poetas. O autor de *Le Occasioni* compara a rima, na sua obra, com as senhoras que fazem peditórios para obras de caridade que, de vez em quando, batem às nossas portas. A rima surge ocasionalmente, mostra-se discreta, nada impositiva, quase imperceptível, mas exigindo, ainda assim, a atenção do tradutor que, em virtude de ela não ter uma feição, por assim dizer necessária, estrutural, como no poema de Valéry, pode deslocá-la para outros lugares do poema, aproveitando a maior facilidade de outras palavras rimarem naturalmente com palavras da língua portuguesa e não forçando assim a rima, para que não

“Ora, isto gera a maior tensão, é como dirigir uma orquestra: nada pode destoar do conjunto.”

produza uma sensação de artificialidade. No fundo, opta-se por um estratagema tradutivo que poderia denominar-se compensação. Em Saba, a rima, mais insistente do que em Montale, é geralmente muito subtil, delicada, nada veemente, tornando mais fácil o trabalho do tradutor, embora por vezes se apresente categoricamente, como acontece nos quinze sonetos de *Autobiografia* que integralmente acolhi na minha tradução. E aí há que respeitá-la escrupulosamente, o que não se torna especialmente difícil, dada a similitude fonética de muitas palavras. Claro que se compreendem as dificuldades acrescidas de um tradutor de língua inglesa, por exemplo, que, para apresentar uma tradução rimada dos poemas de que tenho vindo a falar, teria de se entregar a um trabalho de verdadeira recriação, dadas as diferenças entre os dois universos linguísticos, resultantes daquilo a que Humboldt chamou “A natureza nacional das línguas” (*der Nationalcharakter der Sprachen*). Mas as dificuldades são, para um tradutor empenhado, o sangue do seu trabalho, a sua profunda motivação, e não justificam a opção por soluções de facilidade. Li traduções de Montale em inglês dos Estados Unidos e até uma em português do Brasil; o sentido imediato dos poemas estava lá. De modo algum se descobriria qualquer lapso ou erro linguístico, mas da leitura não

resultava nenhum especial **entusiasmo**, não se chegando a entender a grandeza de uma tal poesia. Com alguns clássicos, passou-se o mesmo (e por vezes ainda se passa). Li versões das grandes epopeias clássicas, em prosa compacta e maçuda, reduzidas a pouco mais que um desígnio narrativo. E o efeito prosa não estava evidentemente na apresentação do texto. Se este fosse de certo modo "fatiado" em versos, a prosa manter-se-ia, porque o que faltava era justamente a musicalidade, um equivalente da prosódia própria dos textos originais. Alguns tradutores procuraram ultrapassar esse problema, apresentando versões ou transposições para formas popularmente atractivas, mas que não correspondiam à impressão provocada pelo texto original. Lembro, por exemplo, a versão da *Eneida*, de João Franco Barreto, um autor e tradutor do século XVII. Esta versão da epopeia latina apresenta-se em oitavas de verso decassílabo, à maneira de *Os Lusíadas* (Barreto era um importante camonista, incondicional do épico português), e é rimada, o que não acontece no poema de Virgílio. Mas o certo é que esta versão libérrima, de um ponto de vista formal e estrutural, embora, *grosso modo*, não fugindo muito ao sentido dos versos originais, ainda hoje se lê com agrado, mercê de um certo encanto em grande parte provocado pela similitude com a forma da epopeia nacional, perdoando-se ao tradutor as liberdades tomadas, dado o efeito atractivo conseguido e reconhecendo-se-lhe o trabalho ciclópico e perícia técnica demonstrada ao longo de perto de 10.000 versos.

O virtuosismo é uma qualidade indispensável a um tradutor, sobretudo de poesia, e mais ainda quando se trata de obras de enorme extensão e complexidade, como é o caso dos clássicos da antiguidade. Além disso, a distância temporal torna tudo ainda mais difícil, é preciso viajar no tempo linguístico, e aí os conhecimentos de História são imprescindíveis. Um exemplo notabilíssimo, não por acaso objecto de louvores e galardões, é a tradução de *A Divina Comédia*, da autoria de Vasco Graça Moura, um trabalho que, podendo ser criticado por uma ou outra específica opção de tradução, não deixa de ser uma das mais notáveis aventuras tradutivas que tiveram lugar entre nós.

Em Portugal parecem estar a ficar longe os tempos em que tudo se aceitava no que respeitava a traduções, embora se mantenha, em alguns casos, o péssimo hábito das traduções “em segunda mão”. Com efeito, tenho reparado que, quando se trata de traduzir a partir de línguas que não sejam as mais comuns (castelhano, inglês, francês, italiano), se recorre a expedientes inadmissíveis, embora haja que reconhecer, por parte de alguns editores, o cuidado em recorrer a quem conheça as línguas de partida. No caso do russo, já dispomos hoje de alguns tradutores de confiança, mas verifico que em línguas como o turco, o japonês, o árabe, entre muitas outras, se recorre a traduções sobretudo inglesas, o que é inadmissível por todas as razões, e até por propiciarem aquilo a que se poderia chamar o efeito “parábola dos cegos”. Não

“... quando não se sabia, inventava-se, ou então suprimiam-se na tradução passagens mais obscuras ou de maiores dificuldades.”

esqueço que estamos em Portugal, país no qual os responsáveis pela instrução têm vindo a dar cada vez menos relevo à educação das humanidades e onde aprender uma língua que não sejam as que acima referi (e mesmo essas, com vista sobretudo à facilitação das actividades económicas) é praticamente impossível, o que dificulta o aparecimento de tradutores qualificados de outras línguas, para não falar da indignidade da remuneração que se lhes paga.

Em muitas traduções do passado, quando não se sabia, inventava-se, ou então suprimiam-se na tradução passagens mais obscuras ou de maiores dificuldades. Por vezes acrescentavam-se outras que não existiam no texto.

Cometiam-se erros por distração, cansaço e ignorância.

Acumulavam-se notas de tradutor, muitas vezes sem necessidade alguma, apenas para não se ter o trabalho de procurar soluções que dessem a equivalência do que se apresentava no texto de partida. Em algumas traduções revelavam-se grandes falhas de conhecimento de aspectos contextuais. Os exemplos que se poderiam dar encheriam laudas e laudas...

Hoje não é já admissível esse tipo de tradutor negligente, ingénuo, mal informado ou preguiçoso. A bibliografia sobre as questões teóricas e práticas da tradução é abundante. A tradutologia aborda e procura resolver problemas que se colocam na prática de qualquer tradutor. Instituíram-se cursos de tradução que, embora em alguns casos sejam bastante duvidosos, podem dar algumas bases, se bem que mais nos domínios técnicos do que no literário. Pode contar-se com meios informáticos de que os tradutores do passado não dispunham. Mas ajudas como a Internet são às vezes “paus de dois bicos”, já que a ignorância não é suprível quando se usa acriticamente a informação.

“Traduzir é, antes de tudo, ler, saber ler com inteligência crítica. Um mau leitor nunca será um bom tradutor.”

A tradução só produzirá um bom resultado se for feita com paixão, mas essa paixão, sendo indispensável, não dispensa a informação, o conhecimento, e mesmo a sabedoria. Traduzir é, antes de tudo, ler, saber ler com inteligência crítica. Um mau leitor nunca será um bom tradutor. Quando se trata de poesia, tudo se torna geralmente mais difícil, pois a ambiguidade, a imprecisão, a sugestão, o *sfumato* de alguns textos poéticos, podem comportar-se como explosivos que nos rebentam nas

mãos, se não estivermos preparados para lidar com eles.
Traduzir poesia é conhecê-la do modo mais íntimo possível.

“Encaramo-los um pouco como o cientista que passa horas ao microscópio, procurando explicações para aquilo que não se vê, mas que, apesar disso, está ali e tem enorme importância.”

Quando penso traduzir alguma obra, antes de começar propriamente o trabalho, necessito de um período de pesquisa e, para isso, conto com a minha biblioteca e, por vezes, encomendo livros que me podem ajudar a enquadrar o meu projecto de tradução. Claro que os dicionários são fundamentais. Rodeio-me de vários, que nunca são demais para o esclarecimento das dúvidas que surgem. É necessário evitar a todo o custo cometer erros; no entanto, raros são os tradutores, mesmo os bons, que não têm alguns nos seus currículos (falo por mim). Por vezes, os problemas que nos assaltam são quase imperceptíveis quando se lê o texto a traduzir pela primeira vez, mas, apesar da sua aparente pequenez, podem ocupar-nos obsessivamente durante muito tempo. Encaramo-los um pouco como o cientista que passa horas ao microscópio, procurando explicações para aquilo que não se vê, mas que, apesar disso, está ali e tem enorme importância. Levantam-se hipóteses para resolver problemas,

que se analisam com a maior paciência, qualidade esta indispensável, particularmente no tradutor de poesia. Convive-se com o texto durante meses, por vezes anos. Pode dizer-se que se dorme com o texto, assediados por versos, por expressões, por passagens, tendo-me acontecido, não raras vezes, acordar a meio da noite com soluções para a tradução de certas expressões mais problemáticas. Por vezes, enganadoras ou inadequadas, mas que revelam bem que as preocupações do tradutor empenhado não têm horário de trabalho. Tal como o poeta francês Charles Cros que, quando ia dormir, afixava um letreiro com a indicação: “Não incomodar, o poeta trabalha”, o tradutor que, no caso da poesia, terá de ser também poeta, ainda que não tenha livros de poesia publicados, não pode deixar a sua tradução à porta do quarto. ■

Vanessa Castagna

Algumas reflexões sobre traduzir poesia no feminino

As reflexões que tentarei expor a seguir originam-se na experiência pessoal, tanto prática como de questionamento teórico, ao longo de mais de duas décadas na tradução entre duas línguas em muitos aspectos afins, o italiano e o português. Ambas são para mim línguas maternas, ou, atentando no dado biográfico, são as minhas línguas paterna e materna respectivamente; é no diálogo constante entre as duas, na tentativa de construir uma ponte entre os dois universos que veiculam, que tenho exercido o ofício de traduzir.

Dependendo a atividade do tradutor literário em boa medida de políticas editoriais, não surpreende que a poesia ocupe um lugar circunscrito dentro do conjunto de obras que traduzi, tanto de italiano para português como vice-versa. Aliás, dessas traduções poéticas, as que chegaram a ser publicadas ou estão no prelo surgiram em contexto alheio ao mercado livreiro, estando ligadas a iniciativas culturais sem fins de lucro ou a projetos acadêmicos em que participei a convite de colegas. Outras há que ficaram por editar, apesar das perspectivas que na altura animaram a sua realização, e que surgiram por envolvimento pessoal.

Ao tentar fazer um balanço, consta que a quase totalidade da poesia que traduzi, por acaso ou talvez não, é poesia feminina, nomeadamente: uma coletânea ainda inédita de poemas notáveis da poetisa madeirense Laura Moniz (*Domus rustica*), dois poemas de Ana Luísa Amaral publicados em 2007 num dos *Quaderni del Premio Acerbi*, dedicado a Portugal¹, dez sonetos de Florbela Espanca, dez poemas de Ada Negri.

Essa forte presença feminina no domínio da poesia que traduzi contrasta com a dificuldade geral, para as poetisas, em ter um reconhecimento no contexto editorial e, por isso, considero oportuno salientar que a tradução dos versos de Laura Moniz foi uma oportunidade que se proporcionou em virtude da amizade que nos une, enquanto, como já aludi, a tradução dos versos de Florbela e Ada faz parte de um projeto académico de divulgação das duas poetisas, numa edição bilingue que visa dar a conhecer aos leitores italianos

¹ Em particular, trata-se de “Beatriz fala a Dante” e “Dante responde a Beatriz” de Ana Luísa Amaral. As traduções encontram-se inseridas no artigo de António Fournier: 2007. “I luoghi dell’anima: l’Italia nella poesia portoghese contemporanea.” In *Quaderni del Premio Letterario Giuseppe Acerbi. Letteratura del Portogallo*. Verona: Edizioni Fiorini, 114-118.

e portuguesas a relação ideal e poética entre estas duas extraordinárias mulheres e escritoras².

“... o processo de afirmação feminina na poesia ainda está a decorrer ...”

As questões de género, mais ou menos implicitamente, vêm-me acompanhando no labor da tradução e, aliás, afloram já no que concerne ao acesso à edição que envolve a poesia escrita por mulheres. A esse respeito, valeria a pena considerar qual a presença de poetisas italianas traduzidas em Portugal e, vice-versa, a de poetisas portuguesas traduzidas em Itália. É reconhecido que, já à partida, as mulheres encontram mais dificuldade para serem publicadas e, se tivermos em conta que, além disso, em geral se publica pouca poesia, evidentemente que o quadro não é muito animador.

² O volume, no prelo, é: Maria Lúcia Dal Farra, Fabio Mario da Silva, Michelle Vasconcelos e Debora Ricci, org. *Antologia Poética de Ada Negri e Florbela Espanca*. Lisboa: CLEPUL. Trata-se de apenas um dos trabalhos realizados por estudiosos e estudiosas que confluem no Gabinete em Estudos de Género do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), partindo de um projeto itinerante iniciado em Lisboa em 2014 que conta já com a realização de cinco congressos internacionais sobre estudos de género no contexto italiano e em língua portuguesa.

Como demonstra Ambra Zorat³, ao analisar de forma sistemática a presença feminina nas antologias poéticas italianas no último século e a sua inclusão no cânone, o processo de afirmação feminina na poesia ainda está a decorrer e, ainda hoje, para uma mulher é mais difícil emergir e tornar visível a sua trajetória poética, mantendo uma relação problemática com a chamada instituição literária. Seria interessante realizar uma investigação análoga para o panorama português.

Focarei aqui a atenção no contexto de receção italiano, em relação ao qual disponho de dados mais organizados e completos, para tecer algumas considerações sobre a circulação de poetisas portuguesas em Itália nas últimas décadas. Na indisponibilidade de um mapeamento das presenças individuais em antologias ou revistas, limitaremos a observação a obras em volume e, sem pretensões de exaustão, partiremos de uma seleção de dez nomes maiores da poesia portuguesa do último século: Adília Lopes, Ana Hatherly, Ana Luísa Amaral, Fiamma Hasse Pais Brandão, Florbela Espanca, Irene Lisboa, Judith Teixeira, Luiza Neto Jorge, Natália Correia, Sophia de Mello Breyner Andresen. Destas dez poetisas, apenas cinco chegaram a ser publicadas em volume não antológico em Itália, em tempos, condições e consistência bastante diversificados.

³ Ambra Zorat. 2009. *La poesia femminile italiana dagli anni settanta a oggi. Percorsi di analisi testuale*. Tese de doutoramento. Trieste: Università degli Studi di Trieste.

Confiando nos catálogos SBN (Servizio Bibliotecario Nazionale) e Worldcat, Adília Lopes, Ana Hatherly e Florbela Espanca contam com apenas uma publicação: o poeta Carlo Vittorio Cattaneo organizou em 1988 a edição bilíngue de *O Poeta de Pondichéry* de Adília Lopes numa edição esgotada e fora de mercado há décadas⁴; Ana Hatherly teve publicado *77 tisane* em 1994, por uma pequena editora de Verona com um catálogo interessante mas pouca projeção nacional⁵; a única tradução italiana em volume de Florbela Espanca data de 1934 e é ainda a de Guido Battelli⁶.

Pelo contrário, tanto Ana Luísa Amaral, que recentemente tem acumulado reconhecimentos internacionais, como a mais conhecida poetisa contemporânea portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen, surgem em Itália com vários volumes da sua obra, numa sucessão de publicações que abrangem um período prolongado, confirmando o interesse que a sua produção desperta e mantém. Em particular, Ana Luísa Amaral conta com as seguintes edições italianas: *La scala di Giacobbe* (2006), *Voci* (2018), *What's in a name e altri versi* (2019)⁷, a que

⁴ Adília Lopes. 1988. *Il poeta di Pondichéry*. Trad. Carlo Vittorio Cattaneo. Roma: Empiria.

⁵ Ana Hatherly. 1994. *77 tisane*. Trad. Adelina Aletti. Verona: Colpo di Fulmine Edizioni.

⁶ Florbela Espanca. 1934. *Versi di Florbella Espanca*. Trad. Guido Battelli. Porto: Imprensa Moderna.

⁷ Ana Luísa Amaral. 2006. *La scala di Giacobbe*. San Cesario di Lecce: Manni (com tradução de Livia Apa, que também traduziu a seleção de poemas de 2007); 2010. *Voci*. Trad. Chiara De Luca. Ferrara: Kolibris; 2019. *What's in a name e altri versi*. Trad. Livia Apa. Milano: Crocetti.

se deverá acrescentar uma pequena brochura intitulada *Poesie*, realizada pelo Instituto Camões por ocasião da 15.ª edição do Premio Acerbi em 2007. A publicação mais recente acima referida destaca-se pela sede editorial especialmente prestigiada no âmbito da poesia, a Crocetti de Milão.

“... o panorama da poesia de autoria feminina traduzida em Itália [...] é fortemente dinamizado por agentes externos ao mercado editorial e livreiro, ligados aos estudos lusófonos em Itália [...]. Em contrapartida, as pequenas e médias editoras desempenham um papel inovador ...”

Sophia de Mello Breyner Andresen, por seu lado, teve as suas primeiras traduções publicadas em volume em Itália já nos anos 80, com *Il nome delle cose* (1983), traduzido por Carlo Vittorio Cattaneo, e *Il sole, il muro, il mare* (1987), traduzido pela lusitanista Giulia Lanciani; já na última década se colocam *Corpo a corpo e altre poesie* (2011), *Navigazioni*

(2011) e *Come um grido puro* (2013)⁸. Esta última publicação destaca-se das outras por ser também publicada pela editora Crocetti na tradução do lusitanista e tradutor de poesia Federico Bertolazzi, grande conhecedor da obra de Sophia.

De certa forma, o panorama da poesia de autoria feminina traduzida em Itália reflete e agudiza algumas criticidades mais generalizadas do sistema, que, por um lado, é fortemente dinamizado por agentes externos ao mercado editorial e livreiro, ligados aos estudos lusófonos em Itália: é o que revelam, no caso em análise, nomes como Giulia Lanciani, Livia Apa, Federico Bertolazzi, por exemplo. Em contrapartida, as pequenas e médias editoras desempenham um papel inovador, assumindo a introdução de autores portugueses, ou seja, de uma literatura periférica para o polissistema cultural italiano⁹, o que contudo implica, muitas vezes, uma distribuição pouco eficaz e uma circulação muito limitada no

⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen. 1983. *Il nome delle cose*. Trad. Carlo Vittorio Cattaneo. Roma: Associazione culturale Portucale; 1987. *Il sole, il muro, il mare*. Trad. Giulia Lanciani. L'Aquila: Japadre Editore; 2011. *Corpo a corpo e altre poesie*. Trad. Simonetta Masin. Pistoia: Petite plaisance; 2011. *Navigazioni*. Trad. Elisa Scaraggi. Bari: Ellis; 2013. *Come um grido puro*. Trad. Federico Bertolazzi. Milano: Crocetti. Poderíamos acrescentar, em contexto atípico, uma publicação intitulada *Memoria*, com introdução e tradução italiana de Carlo Vittorio Cattaneo, que saiu no Luxemburgo em 1995 pelo Euroeditor.

⁹ Faz-se aqui referência à teoria dos polissistemas elaborada por: Itamar Even-Zohar. 1990. "Polysystem Theory." *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication* 11 (1): 9-26.

tempo, devido a tiragens pequenas e falta de reimpressões ou reedições¹⁰.

A minha própria experiência ao traduzir poetisas, no fundo, confirma a importância de atores de promoção da poesia (em especial de autoria feminina) entre dois polissistemas culturais que são relativamente periféricos um para o outro, apesar das seculares relações históricas, culturais, artísticas e literárias que os ligam. Por um lado, como referi, a tradução de uma poetisa contemporânea como Laura Moniz, com a inevitável dificuldade de conseguir uma entrada no mercado livreiro italiano, surge como consequência de um convívio académico, desprendido de lógicas de mercado; por outro, as clássicas Ada Negri e Florbela Espanca, apesar de consagradas nos seus próprios países, evidentemente esbarram também com um lógica de mercado que o interesse dos estudiosos tenta contrastar e compensar.

Ao traduzir poesia de autoria feminina, não posso afirmar ter aplicado conscientemente um filtro “de género”. Mas, *a posteriori*, o teor dos versos e a essência em particular de Ada Negri e Florbela Espanca levou-me inevitavelmente a questionar-me acerca da oportunidade (ou não) de enveredar por semelhante caminho, e esse processo de interrogação é

¹⁰ Para uma visão mais ampla da posição da literatura portuguesa no sistema da literatura traduzida em Itália, até anos recentes, remetemos para Vanessa Castagna: 2020. “A tradução de autores portugueses em Itália (1999-2018).” In *Travessias em Língua Portuguesa. Pesquisa linguística, ensino e tradução*. Org. Vanessa Castagna e Sandra Quarezemin. Venezia: Edizioni Ca’ Foscari, 195-221.

algo que se tem mantido vivo e que pertence ao domínio da ética em tradução.

Entre diversas leituras críticas que me têm acompanhado, gostaria de citar Luise von Flotow, quando frisa que

a quase totalidade das traduções é intencional e, como qualquer outra performance, a tradução representa/atua um texto, transplantando-o num espaço novo para novos leitores e uma nova audiência. A tradução faz escolhas deliberadas sobre que escritor(a) traduzir, que ideias e materiais estrangeiros disseminar. Estas escolhas são premeditadas, planificadas e atentamente avaliadas e o trabalho metódico palavra por palavra da tradução muitas vezes também é um trabalho de autoconsciência. Por outras palavras, pode dizer-se que a tradução é tão intencional, tão ativista, tão deliberada como qualquer outra atividade feminista ou de ativismo social¹¹.

Já citando outra estudiosa engajada, Olga Castro, pode também afirmar-se que, “tal como os feminismos se erguem

¹¹ Luise von Flotow. 2011. “Preface.” In *Translating Women*. Ed. Luise von Flotow. Ottawa: University of Ottawa Press, 4. Tradução minha. Original: “[M]ost translation is intentional; and much like any other performance, translation represents/performs a text, planting it into a new space for a new readership/audience. Translation makes deliberate choices about which writer to translate, which foreign ideas and materials to disseminate. These choices are premeditated, planned and carefully evaluated, and the meticulous word-by-word labour of translation is often equally self-aware. In other words, translation, it can be argued, is as intentional, as activist, as deliberate as any feminist or otherwise socially-activist activity.”

como um discurso de resistência contra os valores patriarcais e neoliberais que exercem uma opressão e discriminação de género, a tradução pode constituir, segundo a proposta de Venuti, «a cultural means of resistance against multinational capitalism and the political institutions to which the current global economy is allied» (2008: 18)¹².

A minha posição especial, que eu definiria ambivalente, entre as línguas e culturas italianas e portuguesas, que a meu ver apresentam de resto mais afinidades do que divergências, torna para mim o processo de tradução num ato aparentemente fluido, em que o ativismo ideal e talvez necessário como feminista se esbate na tentativa de passar sem atritos nem desvios a poesia de um lado a outro da ponte que o tradutor ou a tradutora visa construir. É um processo que, além do mais, pode alicerçar-se nas vantagens de duas línguas que, sendo da mesma família, apresentam grandes afinidades lexicais e gramaticais, sendo expressão de duas culturas cuja tradição literária também conta com um importante parentesco.

¹² Olga Castro Vázquez. 2009. "(Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola?" *MonTi. Monografías de Traducción e Interpretación* 1: 69. Disponível em <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/monti/article/view/1644>. Tradução minha. Original: "[I]gual que los feminismos se erigen como un discurso de resistencia contra los valores patriarcales y neoliberales que ejercen una opresión y discriminación de género, la traducción puede constituir, en propuesta de Venuti, «a cultural means of resistance against multinational capitalism and the political institutions to which the current global economy is allied» (2008: 18)."

“... o processo de tradução num ato aparentemente fluido, em que o ativismo ideal e talvez necessário como feminista se esbate na tentativa de passar sem atritos nem desvios a poesia de um lado a outro da ponte que o tradutor ou a tradutora visa construir.”

Contudo, essa aparente fluidez não apaga uma problematização constante que acompanha o ato de traduzir, sobretudo quando se insere em canais de produção, edição e divulgação que se colocam fora do mercado e, de alguma forma, em contraposição às suas lógicas, mecanismos e pressupostos ideológicos. Se é verdade que, ao traduzir, nos confrontamos primeiramente com o corpo do texto, também é inegável que a consciência dos mecanismos e as normas implícitas que regem a constituição do sistema da literatura traduzida num determinado país é um pano de fundo que não deixa de interferir com o nosso labor. ■

Serena Cacchioli

Parma (Itália), 1986.

Doutorada, em 2017, em Estudos de Tradução e investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, atualmente trabalha na Associação Cultural Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, onde integra a equipa que se ocupa de organizar conferências, debates, oficinas e visitas guiadas à Casa e ao Arquivo. Fez parte do coletivo franco-italiano de tradução *Meridiem*, foi leitora de língua italiana em França, traduz textos literários de português para italiano e de italiano para português. ■

